

**IMIGRANTES HISPANO-AMERICANOS,
(INTER)CULTURALIDADE CRÍTICA E LÍNGUA PORTUGUESA**

Data de recebimento: 06/04/2017
Aceite: 28/04/2017

Rubens Lacerda de SÁ (UFLA)¹

Resumo: dada a a complexidade e a dinâmica da movimentação de/entre povos no a fronteira mundo coevo, as práticas sociais de circulação e as novas relações entre nacionais e imigrantes também são cíclicas e continuamente (re)configuradas. Pesquisas recentes centradas nos imigrantes hispano-americanos e sua condição social enquanto cidadãos acolhidos no Brasil, apontam que os mesmos devem receber um trato equitativo e desprovido de paradigmas excludentes e xenofóbicos. Devem ser conduzidos, na terra que lhes oferece guarida, por um processo de emancipação social e empoderamento que possibilite a construção de novos sentidos e significados, de identidades sociais e de conhecimentos a serem compartilhados. Para tanto, partindo de uma visão sociohistórica e cultural, analiso neste ensaio, a relação estreita entre a condição dos imigrantes, a questão (inter)cultural e a língua portuguesa. A composição e entendimento holístico desse mosaico possibilitará sua formação integral como cidadãos críticos e protagonistas.

Palavras-chave: Imigrantes. (Inter)culturalidade Crítica. Língua Portuguesa.

Abstract: due to the complexity and the dynamics of movements in/amongst people in our contemporary borderless world, social practices of circulation and the new relations established between nationals and immigrants are both cyclic and continuously reshaped. Recent researches centred on hispanic immigrants in Brazil and their social situation have shown that these ought to be granted a paradigm based upon an equitable, non-xenophobic and non-excluding treatment. They should be guided through a process of social emancipation and empowerment which allows them to but in new senses, a new social identity and a new grasp of their current reality. Therefore, I analyse in this text the close relationship among the social condition of the immigrants, the issue of (inter)culturality and the main language spoken in Brasil. I do so grounded on a sociohistorical and cultura view. The holistic understanding of such a mosaic may allow them to be critical and protagonist citizens.

Keywords: Immigrants. Critical (Inter)culturality. Portuguese.

*Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo
e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir.*

— Vergílio Ferreira, poeta Português.

¹ Professor Assistente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA), Minas Gerais, Brasil. Doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brasil. E-mail: rubens.ladesa@gmail.com



Todorov (1983), ao discorrer em sua obra sobre a conquista da América, tem como mote central a percepção do outro como sendo de extrema relevância dada a situação geopolítica e socioeconômica no cenário mundial. Seu principal interesse é instigar o tema da alteridade ao descrever a descoberta e conquista da América pelos espanhóis que, segundo o autor, não tinham conhecimento algum sobre o outro. A temática abordada por Todorov (*op.cit.*), a questão da alteridade, encontra eco no tema que também é de meu interesse coevo, a saber, a condição dos imigrantes hispano-americanos que chegam ao Brasil em busca do “Brazilian Dream”. Busco tratar dessa temática com os olhos de quem (é) *pesquis-a-dor* desses imigrantes que, por ocasião de seu desembarque em terras verde-amarelas, figuram entre os que possuem um baixo poder aquisitivo. Procuo, como um linguísta, analisar e entender os discursos e a linguagem envolta no mundo dos imigrantes. Esses, ao chegar, e durante boa parte de sua estada, vivem à mercê de uma estrutura social segregacionista no seu âmago. Encontram dificuldades de integração social por conta do choque (inter)cultural e linguístico que mascara uma relação de desigualdade perene.

O fluxo migratório é um fenômeno que se intensifica e se diversifica ao passo que novos contornos econômicos, sociais, culturais e políticos vão sendo desenhados no mundo moderno. Segundo dados recentes noticiados pela mídia impressa, televisiva e eletrônica há no mundo cerca de 65 milhões de imigrantes ou deslocados², muitos deles contra sua própria vontade, mas submetidos a tal situação devido as condições de (sobre)vivência em sua terra natal. Essa dinâmica de deslocamento passa a afetar agora pessoas de diferentes, e às vezes inesperadas, partes do mundo constituindo-se um desafio e um problema dada a velocidade, a complexidade e a fluidez das mudanças no cenário internacional. Isso passa a exigir tanto dos imigrantes como dos nacionais que os acolhem um esforço de adaptação e partilha de costumes, hábitos culturais, valores e língua, o que muitas vezes não ocorre de maneira suave. Nesse cenário encontra-se imbricado o Brasil ao ser, doravante, considerado um destino almejado por imigrantes de diferentes partes do mundo, sobretudo pelos hispano-americanos, que veem desmoronar a estabilidade econômica e a segurança antes oferecida por seus países de origem.

Sendo a sociedade brasileira culturalmente híbrida, plurilíngue e oblíqua, para parafrasear Canclini (2007), seu tecido social tem sido historicamente costurado por imigrantes. Portanto, seria somente natural, e relativamente óbvio desde um ponto de vista ontológico,

² <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/numero-de-deslocados-em-todo-o-mundo-passa-de-65-milhoes-diz-onu.html>. Acessado em 20/02/2017.



esperar que os mesmos recebessem um trato social verdadeiramente inclusivo e igualitário balizado nos direitos de universalidade/individualidade e despojado de paradigmas excludentes. Paradigmas esses, preconizados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Na contemporaneidade, grande parte dos grupos, pensando tanto no coletivo como em indivíduos, de imigrantes hispano-americanos não têm encontrado, com tanta facilidade, espaços para transitar na sociedade brasileira. Por transitar, não me refiro ao acesso às camadas mais altas da sociedade, mas aos serviços básicos que devem estar disponíveis a todos os cidadãos: aos nacionais e aos imigrantes. Tal acesso deveria possibilitar a valorização da dignidade humana, a constituição de sua identidade (bi)nacional sem que uma seja sobrepujada pela outra, conforme já considerei em outro texto (SÁ, 2015). Além disso, deveriam ter respeitados seus hábitos culturais e uso de sua língua nacional sem nenhum tipo de prejuízo na nação que os acolhe. Não deveriam ser submetidos a um processo de substituição coercitiva, na maioria das vezes de forma velada, de sua língua e cultura maternas pelas do Brasil. Decorre daí meu interesse em que sejam instrumentalizados, criticamente, para o uso da língua portuguesa para que possam encontrar pontos de intersecção cultural em que a língua e a cultura do Brasil sejam acrescidas às suas. Abro um parêntesis aqui para esclarecer que concebo tal instrumentalização desde um ponto de vista filosófico-pragmático tal como propôs Dewey (2007), ou seja, oferecer aos imigrantes um cabedal de ferramentas que possibilitem ações que, por sua vez, permitiriam a transformação de sua experiência além-mar. Dessa forma, poderão atuar como protagonistas e atores sociais livres de todo e qualquer tipo e nível de exclusão, racismo, discriminação e ações xenofóbicas. Serão devidamente acolhidos e conduzidos em processo de formação integral como cidadãos que lhes propiciará, em última instância, um sentimento confortável de dupla pertença: a de origem e a brasileira.

Assim, fazem-se necessários mecanismos que possibilitem o direito à língua do país de acolhimento bem como à competência (inter)cultural para que essas não passem a funcionar como ferramentas de discriminação e sofrimento aos imigrantes. Tal conhecimento no país de acolhimento é fundamental para que tais imigrantes possam ser incluídos na sociedade e possam, de modo igualitário, desenvolver-se plenamente como cidadãos nos âmbitos pessoal, familiar, cultural, social e profissional, dentre outros.

Espraiando-me com mais profundidade sobre a questão (inter)cultural convém rascunhar o tema dos estereótipos em relação aos imigrantes hispano-americanos. Observe que, neste tema, tratarei do imigrante hispano-americano como colonizado e do país de acolhimento, o Brasil, como colonizador. Claro que não me refiro aqui a uma concepção histórica dos termos,



mas a uma relação intrínseca e empírica que se estabelece entre os que imigram e os que lhes oferecem guarida.

Voltemos a questão dos estereótipos. A partir de uma concepção simplista do tema podemos sinonimizá-lo a um clichê que, em geral, tem uma conotação negativa. Entretanto, o que quero salientar aqui é que, quer como estereótipos *per se* quer como clichês, tendemos a organizar nossa maneira de pensar a partir desses, ou seja, constantemente buscamos reduzir e simplificar a visão sobre o outro — novamente a alteridade em tela. Estabelecer essa relação, (inter)culturalidade-estereótipos, é importante, pois ambos, desde um ponto de vista colonialista induz à austeridade, à fixidez, à padronização em fórmulas blindadas e que minimizam as diferenças ou, pior ainda, não as reconhecem. Retomo aqui o pensamento de Todorov (*op.cit.*) que ilustra, na figura da relação dos espanhóis com os indígenas, o teor da questão em pauta.

Mas, voltando para a temática ensejada no parágrafo anterior, penso que analisar a questão da (inter)cultura e dos estereótipos sob à ótica colonialista releva, pois, conforme apresentado por Bhabha (1998) em sua obra, o colonizado tende a ser sempre uma mímica do colonizador, ou seja, o primeiro tenderá a querer-ser uma imitação bastante próxima do segundo, um quase-igual ao colonizado, uma repetição do mesmo diferenciado ou nas palavras do próprio Bhabha (*op.cit.*, p.130, 131): “uma repetição de presença parcial”, “quase o mesmo, mas não exatamente”. Tal postura, quer consciente quer não, reflete o desejo do colonizado de emergir como sendo um autêntico através da mímica.

Posto isso, vejo essa dinâmica com olhos de preocupação. Para referenciar-me a uma definição anônima vista por mim em uma rede social, concebo cultura “não como o que entra pelos olhos e ouvidos, mas como o que modifica o jeito de olhar e ouvir”. Pensando nesses termos, entendo que deve haver um certo limite consciente da modificação a que se permite em termos culturais. Na relação entre a cultura plural dos imigrantes hispano-americanos e a do Brasil entendo que tal modificação deve ter um caráter de acréscimo, de mestiçagem e de hibridismo para possibilitar o surgimento de um terceiro, mais fluido e mais inclusivo. Essa modificação não deve ser substituição de uma pela outra, da cultura do colonizado pela do colonizador. Se assim for, não haverá crescimento, hibridismo, mestiçagem, acréscimo. Portanto, devem ser criados mecanismos de conscientização do imigrante baseados em teorias pós-coloniais que visem a mestiçagem, o híbrido, a fronteira, a mesclagem e o acréscimo, não o sobrepujamento. Isso é o que nomino no título desse texto de (inter)culturalidade crítica! No parágrafo seguinte há mais fôlego para tratar deste tema.



Visto que há um, inevitável, contato cultural bastante intenso entre o imigrante e o país que o acolhe, esse deve ser em uma perspectiva *inter-*, não no sentido de intermediária, mas, antes, no sentido de reciprocidade, de trocas equitativas entre os que aqui estão e os que chegam. Daí o uso que faço do substantivo (inter)cultural, *inter-* sempre entre parêntesis para reforçar o caráter recíproco e igualitário que deve haver entre as culturas envolvidas nas relações em tela. Para o adjetivo crítico, aproprio-me do conceito proposto pela engenharia nuclear quando essa refere-se a “qualquer sistema ou processo em que se opera uma reação em cadeia com um fator de multiplicação efetivo igual à unidade”, segundo definição do dicionário Aurélio (2011).

Pois bem, há na relação (inter)cultural dos imigrantes com os nacionais uma “reação em cadeia” que deveria produzir uma “multiplicação efetiva igual” ou equitativa. Caso isso ocorresse tal relação ocorreria por um viés crítico. Entretanto, o que me preocupa é que, empiricamente, noto uma atribuição de ambivalência das relações de saber e de poder entre colonizador e colonizado em que os processos de subjetivação que se desenvolvem através dos estereótipos se interpõem. Prevalece então o discurso colonial que, como aparato de poder, repudia as diferenças identitárias e culturais e busca legitimar as relações de poder de forma assimétrica.

Portanto, retomo em Dewey (*op. cit.*), a questão da instrumentalização pragmática que visa a estabelecer e manter as relações (inter)culturais por um viés crítico e praxiológico. Desse modo, a linguagem cultural contemplaria uma relação ambivalente interdisciplinar, autônoma, voltada para a transformação social, sem disparidades e resistências e, por fim, pautadas pela justiça e direitos sociais. Ou, como ressalta Bhabha (*op.cit.*, p. 248), deve haver uma mudança de uma ênfase epistemológica e acrítica para uma ênfase enunciativa, pois “o epistemológico está preso dentro do círculo hermenêutico, na descrição de elementos culturais em sua tendência a uma totalização” ao passo que o “enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultado de antagonismos e articulações culturais — subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural”.

Bauman (2005), em sua teoria, fala de fluidez, liquidez, permeabilidade, incertezas e rapidez de movimentos em todas as esferas da sociedade contemporânea e que essas características se contrapõem com o cartesianismo de Descartes (2003). Portanto, a fusão do constructo teórico de Bauman (*op.cit.*) com a concepção de epistemologia/enunciação de Bhabha podem, ao meu ver, contribuir para o rompimento da lógica (inter)cultural negativa, assimétrica e acrítica em torno dos imigrantes.



Entretanto, repassando parte do pensamento filosófico-cultural de Raymond Williams (1979), admito que os imigrantes hispano-americanos que estão no Brasil há mais tempo já conseguiram, através de suas complexas experiências vividas, suas relações — ainda que reguladas por pressões e limites específicos mutáveis — e suas atividades na sociedade, criar sua própria cultura contra-hegemônica. Sem dúvida, não a lograram sem conflitos e tensões. Tampouco se sentiam amarrados pelo aparato estatal, contrariando a visão de hegemonia de Althusser (1985). Tiveram êxito por conta da própria movimentação interna de seus grupos e indivíduos. Isso em si já é motivo de louvor.

E é por essa mesma razão que, ancorado nas narrativas de Sahlins (1997), pergunto-me se o que acontece com os imigrantes que abordo no parágrafo anterior, são o que o historiador nos apresenta como sendo parte de uma relação inversa de dominação, ou seja, os ilhéus — supostamente os colonizados — é quem dominavam os ingleses — os colonizadores — por meio de sua cultura que era expressa pelo comércio erótico e confundida pelos marinheiros como hospitalidade havaiana. Pergunto-me: dotados de competência (inter)cultural, ancorada em uma perspectiva crítica, seria factível aos imigrantes hispano-americanos no Brasil a inversão das relações nos termos abordados por Sahlins? Creio que a etnografia de tais relações do cenário em pauta, imigrantes hispano-americanos/brasileiros, encarregar-se-á da resposta a tal inquietação.

Bem, após a discussão das duas primeiras dimensões que se configuram para formar o título deste texto passo agora a consideração do terceiro objeto proposto por mim neste texto: a língua.

Gloria Anzaldúa (1987), na obra “Borderlands/La Frontera: The New Mestiza”, desenvolve sua noção de consciência mestiça articulando-a ao conceito de fronteira. Para ela, a consciência mestiça implica consciência da fronteira que, em vez de transmitir uma ideia de limites e rigidez, é problematizado por ela e é assumido como um local onde há fluidez e hibridização. Entretanto, esses conceitos não se referem a ideia de harmonização, uniformização; antes, de uma situação em que dois ou mais povos entram em contato e geram, assim, uma nova visão sócio-cultural e linguística. Pois bem, entendo eu que no caso de diferentes imigrantes hispano-americanos, com suas múltiplas visões de mundo e percursos sócio-históricos, que passam a viver em um terceiro local, geograficamente falando, e que precisam (con)viver e articular-se para o alcance de metas e anseios comuns, essa mestiçagem e hibridização torna-se mais problemática ainda. Afirmo isso porque tais imigrantes terão que enfrentar e lidar não apenas com seus medos, anseios e angústias, mas também com a adaptação



e a busca de aceitação na sociedade que os acolhe(u) e que, para piorar a situação, possui uma língua que lhes é estranha, que é do outro — do *álder*.

Portanto, entendo que o domínio minimamente proficiente da língua portuguesa por parte dos imigrantes, objeto deste texto, é fundamental para atenuar e suavizar sua inclusão na sociedade que os acolhe. No entanto, tal domínio deve contemplar, como venho discutindo ao longo deste texto, o caráter pluri/(inter)cultural implicado e contribuir para a valorização dos “diferentes papéis nas diferentes dimensões sociais em que estão inseridos”, para citar Rocha (2012 p. 104). Para tanto, o imigrante hispano-americano deve ter a oportunidade de desenvolver uma consciência linguística capaz de identificar e combater estereótipos, em quaisquer formas e níveis, e promover a tolerância do outro sob uma ótica mais abrangente e “destotalizante”, como destaca Maher (2007a), sobre as diferentes culturas e língua(gens) envolvidas. Pensando em tal domínio da língua portuguesa como um bem de consumo para os da diáspora, isso passa a ser fundamental pois, como salienta Beatriz Sarlo (2004), tal domínio da língua conferirá aos imigrantes um caráter de acolhimento que é sumamente importante para sua auto-imagem, para tranquilizar suas ansiedades e para dar-lhes um sentimento de pertença.

Visto que o Brasil (?) e a língua portuguesa encontra(m)-se em processo de expansão, a comunicação entre os imigrantes e os nacionais assume uma parte integrante da realidade recente. Tal acontecimento linguístico pode propiciar a inclusão social dos imigrantes, pois se trata de uma condição *sine qua non* para a promoção da paz e dignidade humana dos imigrados. Em um estudo que realizei recentemente, procurei apresentar dados que indicam o recente aumento do fluxo de imigrantes hispano-americanos no Brasil e suas dificuldades de inserção na sociedade, pois são excluídos e discriminados sobretudo por conta do precário domínio da língua portuguesa (SÁ, 2015).

A sociedade moderna é constituída de espaços e campos de atuação onde os atores estabelecem as relações sociais, conforme preconizam as pesquisas de Bourdieu (1994). Nesse lócus privilegiado, os processos relacionais se entrecruzam e possibilitam os embates que permitirão ações plurilinguísticas e heterogêneas. Entretanto, tais ações devem coibir desigualdades e injustiças étnico-raciais ou xenofóbicas, não só em relação aos seus nacionais, mas também em relação aos imigrantes que se estabelecem em territórios alheios à sua nação de origem. Assim, para que o anteriormente elencado se concretize é necessário que os imigrantes possam, através da língua portuguesa, “redimensionar [seus] futuros sociais sob perspectivas críticas e transformadoras (...) construindo novos conhecimentos em uma



multiplicidade de contextos e reprojetoando processos e práticas sociais, de forma ética e protagonista”, conforme alerta Cláudia Hilsdorf Rocha (*op.cit.* p. 96, 97).

Dessa forma, os imigrantes hispano-americanos, poderão problematizar e operacionalizar, individual e coletivamente, uma construção social interativa e que está intimamente relacionada com o sentimento de pertença a dado território, língua e cultura. Ultrapassarão assim a simples coexistência da diversidade e terão acesso a uma (con)vivência democrática e equitativa.

Não podemos desperceber que os imigrantes possuem, cada um, seu próprio capital linguístico-cultural que deve ser valorizado e aproveitado para a construção dos novos conhecimentos, extremamente necessários no país acolhedor. Entretanto, dita construção deve possibilitar ao imigrante agir, por meio da língua, como ator social plenamente capaz de gerir seu próprio rumo de modo singular, crítico e reflexivo segundo as propostas do pesquisador indiano Suresh Canagarajah (2007). Tal possibilidade permitirá que os imigrantes hispano-americanos desenvolvam um sentimento de acolhimento e (dupla) pertença, concretizado por meio de múltiplas realizações linguísticas em língua portuguesa à medida que interagem com os nacionais. Essa interação deve propiciar trocas culturais mutuamente enriquecedoras e uma convivência harmoniosa e pacífica.

Uma das premissas vygotkianas (1998) é que o manejo de uma nova língua depende da maturidade na língua materna, pois essa operará como ferramenta mediadora na construção da nova língua. No caso dos imigrantes hispano-americanos, o domínio da língua portuguesa é importante para que esses possam transitar nas práticas sociais locais e não sejam excluídos pelo insuficiente domínio da língua do país que os acolhe. Digo insuficiente, visto que, dada a proximidade da língua do Brasil, com a língua oficial dos imigrantes hispano-americanos, é comum que se desenvolva entre esses a geração de uma *entre-língua*, defino eu, ou seja, uma língua que transita e possui marcas tanto nova como da materna. No entanto, isso os impede de serem plenamente incluídos na sociedade local, além de ser esta desprovida de memórias históricas, culturais, traços sociais e identitários.

Bakhtin (1995) complementa o anterior, pois, para ele, o sujeito está imbricado em seu meio social e os sentidos são construídos em uma arena de conflitos em que os novos surgem a partir de um embate com os antigos. No entanto, tal realização fica comprometida no caso dos imigrantes hispano-americanos, pois no cenário em que estou imbricado e a partir de pesquisas empíricas e epistemológicas, noto que esses são despidos de tais sentidos anteriores por meio de práticas excludentes. Deste modo, quaisquer tentativas de construção de novos



sentidos na pátria acolhedora fica comprometida dada a barreira linguística que se forma e o desprovimento de discurso e de identificação social da comunidade. Discurso e significado identificacional construídos e moldados no interior de um processo de interação social com o fim de manter o *status quo* dos atores desse processo, conforme preconiza a teoria de discurso proposta pelo inglês Norman Fairclough (2001).

Arremato esse texto destacando que minha expectativa como *pesquis-a-dor* é possibilitar aos imigrantes hispano-americanos, meu interesse de pesquisa atual, a participação em um processo de interação social e de construção de discursos e significados identificacionais a partir de um enfoque (inter)cultural crítico e pluralista. Desse modo, entendo que ocorrerá, de fato, a inclusão social plena dos imigrantes na sociedade local e, assim, ações afirmativas e propositivas, em benefício dos mesmos, poderão ser engendradas.

Pergunta Maria Antonieta Celani (1998, p. 142): Há lugar para reinos no domínio do saber?

Respondo: Não.

E complemento: Para Diderot (1979) a verdade é uma prostituta que dorme com todos e não é fiel a ninguém. Pensar e compreender plenamente a situação dos imigrantes hispano-americanos no Brasil e sua relação com a cultura e a língua própria e do outro, envolve um alto grau de infidelidade teórica (LEFFA, 2003). Ou seja, é necessário que sejam aliadas diferentes vertentes teórico-metodológicas para que se possa montar o mosaico do tema em tela. Após essa montagem, tal promiscuidade teórica possibilitará uma visão holística da situação dos imigrantes que sofrem a dor da partida, a dor de serem desarraigados deixando irremediavelmente para trás suas memórias, sua história, sua essência ...

Referências

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado:** Notas Sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Geral, 1985.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/ La Frontera:** The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

AURÉLIO. **Dicionário Eletrônico.** Versão 2.2.1 (156). Apple Inc., © 2005-2011.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 7a ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.



- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. **Sociologia: o Campo Científico**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1994.
- CANAGARAJAH, A.S. The Ecology of Global English. **International Multilingual Research Journal**, v. 1/2, 2007, p. 89-100.
- CANCLINI, N.G. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.
- CELANI, M.A.A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In Signorini, I. & Cavalcanti, M.C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.
- DESCARTES, R. **Carta-Prefácio dos Princípios da Filosofia**. Tradução Homero Santiago São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DEWEY, J. **Essays in Experimental Logic**. Ed. Hester, Micah and Talisse, Robert. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2007.
- DIDEROT, D. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- LEFFA, V. J. O Ensino do Inglês no Futuro: Da Dicotomia Para a Convergência. In: STEVENS, C. M. T.; CUNHA, M. J. C. (Orgs.) **Caminhos e Colheita: Ensino e Pesquisa na Área de Inglês no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2003, p. 225-250.
- ROCHA, C.H. **Reflexões e Propostas sobre Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I: Plurilinguismo, Multiletramentos e Transculturalidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- MAHER, T.M. Do Casulo ao Movimento: A Suspensão das Certezas na Educação Bilíngue e Intercultural. In: CAVALCANTI, M. BORTONI-RICARDO, S.M. (Orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p. 67-94.
- SÁ, R.L. **A Imigração Boliviana em Mares Paulistanos Dantes Navegados: Inclusão dos (In)visíveis e (Des)construção Identitária**. 186 f. Dissertação (Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília, 2015.
- SAHLINS, M. **Ilhas de Histórias**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- SARLO, B. **Cenas da Vida Pós-moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina**. 3ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- TODOROV, T. **A Conquista da América: A Questão do Outro**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1983.



VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.